

ADAPTAÇÃO DE ROMANCES INVESTIGATIVOS INGLESES PELO MANGÁ: OS CONTOS DE KUROSHITSUJI

Danielly Amatte Lopes; Janaina Freitas Silva de Araújo;
Gabriela Maria Cavalcanti Ferreira Lessa Santos
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
jana.f.araujo@gmail.com

RESUMO:

Este estudo pretende realizar uma análise dos elementos técnicos, plásticos e textuais de alguns volumes do mangá japonês *Kuroshitsuji*, criado por Yana Toboso e publicado em 2006, a partir de suas similaridades com o gênero narrativo do romance policial inglês, inspirado nos contos de Sir Arthur Conan Doyle e Agatha Christie, por exemplo. Observamos que *Kuroshitsuji* é uma história em quadrinhos que adapta a mecânica desses romances investigativos para um novo formato contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE:

Investigação; *Mangá*; Quadrinhos; *Kuroshitsuji*.

ABSTRACT:

This study intends to analyze the technical, plastic and textual elements of some volumes of the Japanese manga *Kuroshitsuji*, created by Yana Toboso and published in 2006, from its similarities with the narrative genre of the English detective novel, inspired by the tales of Sir Arthur Conan Doyle and Agatha Christie, for example. We note that *Kuroshitsuji* is a comic book that adapts the mechanics of these investigative novels to a new contemporary format.

KEYWORDS:

Investigation; *Mangá*; Comic books; *Kuroshitsuji*.

INTRODUÇÃO: CONHECENDO A OBRA *KUROSHITSUJI*, DE YANA TOBOSO

Kuroshitsuji (*Black Butler*, ou O mordomo negro, no Brasil) é um mangá¹ que foi publicado em dezembro de 2013 pela editora Panini no Brasil, licenciada pela Square Enix e categorizada como periódica. O mangá permanece em circulação e possui um formato de impressão familiar às editoras brasileiras. O formato é de 13,5cm de largura por 20cm de altura, com páginas preto e branco e lombada quadrada. Ele é comercializado no Brasil a R\$10,90. Sua autora é a mangaká² Yana Toboso. No Brasil, a obra é editorada por Diego M. Rodeguero.

O enredo de *Kuroshitsuji* gira em torno de dois protagonistas, o jovem senhor Ciel Phantomhive, que tomou a liderança da família após a morte trágica de seus pais; e Sebastian Michaelis, seu obediente mordomo que na verdade é um demônio que livrou o menino Ciel da morte em troca de um acordo pela alma do mesmo. Deixando um pouco os aspectos sobrenaturais do enredo de lado, a história se passa na Inglaterra da era vitoriana do séc. XIX e os arcos do mangá se passam concomitantemente com eventos da história europeia.

A referência ao recorte temporal da história em quadrinho foi feito não ao acaso, mas pelo auge dos contos de romances investigativos da época. A construção das páginas e dos elementos que as compõem segue a armação de um enredo peculiar que é arquitetado para alimentar a curiosidade do leitor, tal como a construção de um romance policial investigativo. Assim como a articulação de romances de Agatha Christie (1980 – 1976), *Kuroshitsuji* apresenta os elementos da trama que auxiliaram na resolução do problema, do caso, apenas ao fim do arco. Os elementos sobrenaturais que são pertinentes à existência dos protagonistas, todavia, são colocados muitas vezes em segundo plano, de maneira a enfatizar o enredo investigativo e o misticismo tímido que envolve a história.

O arco em particular analisado pelo presente artigo contempla o recorte temporal em que o autor de um dos romances investigativos mais conhecidos mundialmente, Sir Arthur Conan Doyle, aparece e sofre um processo de adaptação e integração com a mecânica proposta por suas próprias obras, os contos do detetive inglês, Sherlock Holmes. O arco em questão envolve capítulos de 3 volumes distintos, mas não completos. Não completos, pois o arco começa no volume 9 e vai até o volume

1 *Mangá* – é um tipo de história em quadrinho que segue uma estética específica japonesa, não apenas nas características estéticas da página como construção de personagens, aplicação de quadros e balonagem, mas inclusive as etapas de produção da história em quadrinhos para o mercado possuem um processo singular.

2 *Mangaká* é o nome dado no Japão para os mestres que produzem e publicam histórias em quadrinhos.

11, mas não aborda todos os capítulos deste último. O arco do personagem Sir Arthur Conan Doyle vai do capítulo 38 ao 49 de Kuroshitsuji.

A passagem e o fechamento do arco são perceptíveis justamente pela nova inserção da personagem de Sir Arthur Conan Doyle. Assim que a investigação é encerrada e o mistério resolvido, a personagem deixa o enredo principal e fecha o arco. Tal como as próprias obras do detetive investigativo, Sherlock Holmes, personagens extras são adicionados e se tornam parte importante do enredo da investigação, mas tão pronto o conto é encerrado, podemos jamais voltar a revê-los. E, se o mesmo ocorre, eles são ligados a novos arcos investigativos e não são tratados como personagens principais à trama. Um exemplo dessa mecânica aplicada é a personagem Irene em Sherlock Holmes, que aparece esporadicamente e é trabalhada como personagem secundária ao arco principal dos contos; diferente do ajudante de Sherlock Holmes, o doutor Watson, que sempre se encontra ao lado do investigador.

Em *Kuroshitsuji* também é comum fazer uso de personagens secundários para alimentar o enredo principal, tal como é o papel do comerciante Lau, um contrabandista chinês que serve de contato para o jovem Ciel na trama e cujo aparecimento é esporádico durante os arcos. Podemos observar o personagem na capa do volume 9 do mangá, assim como outros personagens que participam do enredo principal da trama e que ilustram as capas dos volumes 10 e 11. A seguir, podemos observar as respectivas capas que correspondem às personagens: Lau, o nobre chinês que trabalha em filial britânica; Tanaka, mordomo mais velho da família Phantomhive; e Charles Grey, secretário privativo oficial da Rainha britânica (Figura 01).



FIGURA 01 – CAPAS DOS VOLUMES 9, 10 E 11, RESPECTIVAMENTE, DA ESQUERDA PARA A DIREITA
FONTE: ACERVO PESSOAL, EDIÇÕES PUBLICADAS NO BRASIL PELA EDITORA PANINI.

As capas são construídas com ilustrações que correspondem às personagens familiares ao enredo principal, mas que também aparecem no arco em questão. O padrão de composição das capas é o mesmo e permanece, como pode ser observado, como um processo de identidade visual, em que se conserva a borda da capa semelhante a uma moldura com a tipografia específica do título do *mangá* ao canto direito superior da capa e a marcação do número do volume ao centro inferior. Podemos encontrar os ideogramas japoneses em cinza por trás da tipografia do título do *mangá* em inglês – os mesmos ideogramas que correspondem ao título do *mangá* em japonês, *Kuroshitsuji*. O estilo tipográfico empregado e os detalhes das bordas correspondem ao período vitoriano em que a história ocorre repleta de arabescos e temas orgânicos de *art nouveau*³.

Além das capas, podemos observar a composição da revista que divulgou o lançamento desse novo arco de *Kuroshitsuji*. A capa da revista GFantasy (Figura 02) foi ilustrada por Yana Toboso e apresenta o protagonista com as vestimentas típicas do investigador inglês Sherlock Holmes. O tema xadrez de suas estampas, o chapéu, luvas e outros detalhes do vestuário foram aplicados segundo a temática das ilustrações e descrições que preenchem o imaginário acerca de quem foi Sherlock Holmes, o detetive da Rua Baker. Ciel, o protagonista, também se encontra apoiado em uma cadeira *Windson*, representada na ilustração, e famosa na Inglaterra desde o século XVIII. A escolha estética na composição de Yana Toboso não é feita ao acaso. Esses detalhes da composição da obra de *Kuroshitsuji* são intencionais e, ao decorrer da leitura, podemos observar diferentes marcações de referências históricas e artísticas de um *mangá* que representa um universo fantástico em meio a elementos de uma realidade histórica inglesa.



FIGURA 02 – ILUSTRAÇÃO DA CAPA DA GFANTASY, REVISTA EM QUE É PUBLICADO KUROSHITSUJI, VOLUME 12, DEZEMBRO DE 2009. FONTE: [HTTP://WWW.SQUARE-ENIX.CO.JP/MAGAZINE/GFANTASY/STORY](http://www.square-enix.co.jp/magazine/gfantasy/story)

3 *Art Nouveau* – corresponde a um período da história da arte que perdurou de 1890 a 1920. É um estilo artístico inspirado principalmente por formas e estruturas naturais, não somente de flores e plantas, mas também de linhas curvas. Na Inglaterra, ela se desenvolveu através do movimento de *Arts and Crafts*.

Os elementos que permeiam a familiaridade do leitor e estimulam a instrumentalização do repertório do mesmo quanto à época em que se passa o enredo são aplicados de forma singular. A construção está presente não apenas das molduras das capas, mas na construção social das personagens, na arquitetura representada no desenho das páginas, em pequenos detalhes do cenário que vão desde a escolha de uma louça específica até a apresentação de um prato da gastronomia da época, tipicamente inglesa. A seguir, trataremos da mecânica do romance investigativo presente na obra de Arthur Conan Doyle, e como o mesmo funciona a fim de compreender melhor como essa abordagem converge com a mecânica adotada por Yana Toboso para *Kuroshitsuji*.

A MECÂNICA INVESTIGATIVA: ELEMENTAR, MEU CARO WATSON!

Assim como é comum a qualquer gênero da literatura, o romance investigativo possui uma mecânica de enredo, semelhante a uma “receita de bolo” empregada nas histórias. Ela não é uma forma estruturalista engessada, mas pode ser compreendida como um sistema maleável que pode ser explorado pelo autor assim que este possui consciência de suas etapas. Para o romance investigativo aqui analisado, consideraremos a mecânica encontrada nos contos do detetive Sherlock Holmes.

Nos contos de Sir Arthur Conan Doyle, Sherlock Holmes é um detetive particular que resolve os crimes através de seu intelecto, capacidade de raciocínio lógico e dedução. O tipo de protagonista que é comum a esse tipo específico de história, pois o mesmo faz uso não de poderes ou alusão ao sobrenatural, mas de análise dos elementos e das pistas que permeiam o crime ocorrido. A alusão ao sobrenatural, na verdade, é apresentado geralmente com repulsa pela personagem de Sir Arthur Conan Doyle, que parte de um ceticismo clássico. Sherlock Holmes também possui um ajudante, seu melhor amigo, o doutor John Watson. Essa personagem é essencial à mecânica da dupla de protagonistas, pois ela evoca uma perspectiva mais emocional da cena, dos motivos e insinuações ao crime pelas outras personagens, e um vínculo social do detetive que, a priori, parece focado apenas no próprio trabalho.

A química desenvolvida entre a combinação de um personagem cético, porém de alta capacidade de raciocínio e dedução, com outra personagem mais humanizada e emotiva é uma prática comum a alguns enredos, simbolizando um equilíbrio peculiar ao protagonismo de cenas. Em outras mídias, podemos observar a mesma mecânica sendo aplicada, a exemplo das duplas House e Wilson, no seriado *Doutor House*; ou a dupla Ricky e Morty da *animação Ricky & Morty*. A particularidade da interação entre as protagonistas não é um exemplo claro observado em *Kuroshitsuji*, especialmente nesse arco, pois as intenções das personagens não ficam claras ao leitor que, ao ler apenas o arco fechado, tem acesso ao enredo principalmente pela ótica da personagem

principal nova, o Sir Arthur Conan Doyle.

A personagem é um ser fictício, todavia, no enredo investigativo, busca-se aproximá-la da realidade a fim de que o leitor possa criar um vínculo com sua motivação. Também podemos considerá-la como a construção de um arquétipo, a do professor, que busca a resolução dos problemas em meio a evidências.

A personagem é um ser fictício – expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode a ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lúdica verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 2005, p. 55)

O cenário do enredo também possui uma apresentação em particular que segue a mecânica do “mostrar, sem dizer”. Parece uma mecânica óbvia para histórias em quadrinhos que fazem uso da representação gráfica de elementos pictóricos em sua narrativa, mas esse aspecto vai além da mera definição das palavras. Mostrar, sem dizer, refere-se à composição dos elementos apresentados na narrativa que fazem parte do desenrolar do mistério que envolve o crime. Nos romances de Agatha Christie, por exemplo, é comum que alguns elementos que são descritos na cena farão posteriormente parte da resolução do problema. A questão é que o leitor não sabe, a priori, que esses elementos descritos serão parte chave da resolução do quebra-cabeça. Tais elementos podem ser uma chave, um relógio, uma mancha curiosa no tapete, uma matéria de jornal, enfim, qualquer elemento presente na descrição. Por isso, assim como o próprio detetive protagonista da história, o leitor se vê no papel de observador que precisa estar atenção aos elementos da descrição no romance.

O cenário, contudo, não apresenta apenas os elementos de representação pictórica, mas as relações sociais. Assim como observaremos mais a frente, os indivíduos representados no enredo possuem motivações e papéis sociais que podem incliná-los ao envolvimento com o crime ou não. A correlação social entre os participantes do enredo é de relevância para a resolução do mesmo. O sociólogo Durkheim (1978), por exemplo, já percebia essa característica em eventos criminais, assim como na análise dos casos.

Tomar sempre para objeto de investigação um grupo de fenômenos previamente definidos por certas características exteriores que lhes sejam comuns, a incluir na mesma investigação todos os que

correspondam a esta definição. Quando, portanto, o sociólogo empreende a exploração de uma qualquer ordem de fenômenos sociais, deve esforçar-se por considerá-los sob um ângulo em que eles se apresentem isolados de suas manifestações individuais. (DURKHEIM, 1978)

O *Plot Twist* na finalização do enredo, ou Virada de Roteiro, é um recurso da mecânica narrativa comum a romances investigativos. Ele funciona da seguinte maneira: o leitor é guiado pela narrativa por uma ótica geral a acreditar que o crime ocorreu de uma forma, ou que o mesmo não ocorreu; e no final do arco, a resolução do crime é apresentada pela arrumação lógica dos fatos pelo detetive. Essa descrição é pertinente à obra de Sherlock Holmes, mas em algumas outras obras, a mesma mecânica fica implícita e o caso é resolvido de forma imediata, chegando a uma explicação dos detalhes dessa resolução apenas ao fechamento do arco. A obra investigativa é como uma equação para o leitor que envolve todos os elementos para a resolução do problema que ele deve tentar resolver sozinho pela perspectiva da protagonista da história. Contudo, se o mesmo não conseguir, ainda vai se deparar com explicações didáticas de como o problema deve ser resolvido. Como disse Doyle (1989): “Não tenho os fatos ainda. É um erro grave formular teorias antes de obter os fatos. Sem querer, começamos a torcer os fatos para se adaptarem às teorias, em vez de formular teorias que se ajustem aos fatos.”.

Esse espaço do fechamento do arco é importante também por realmente o papel lógico e racional da protagonista, no caso de Sherlock Holmes, o próprio detetive. Os casos são resolvidos pela apresentação de uma lógica científica que exclui a existência do sobrenatural. Os crimes e os mistérios que os cercam não ocorrem por acaso e tanto as motivações, como os recursos empregados pelos indivíduos participantes do mistério são relevados a fim de esclarecer ao leitor o que de fato estava ocorrendo nas cenas que, devido a apresentação da narrativa, ele foi guiado a ter outra interpretação.

O REGISTRO DO ENREDO: ESSE MORDOMO, TÃO ESQUEMÁTICO

Para comparar os elementos apresentados no trecho anterior, realizaremos uma esquematização de como os capítulos foram organizados e como eles se apresentam para o leitor no decorrer da narrativa. Essa organização foi criada para esclarecer como os capítulos foram planejados no decorrer dos três volumes de maneira a tornar a resolução do problema, do crime, sistemática e causal. É importante destacar que a obra de Yana Toboso apresenta a tendência a concluir os volumes com o recurso de *Cliffhanger*. Esse recurso compreende a quebra da narrativa de maneira a torna-la incompleta e estimular a curiosidade e o interesse do leitor para obter a continuidade da mesma.

Além do detalhamento do enredo presente em cada capítulo, podemos fazer algumas associações consecutivas com a apresentação das personagens novas que foram adicionadas para compor o arco e, principalmente, ao novo protagonista, o próprio Sir Arthur Conan Doyle (Quadro 01).

CAPÍTULO	INFORMAÇÕES
Volume 1	
Cap. 38: Esse mordomo, tão ínfimo.	Insere um personagem extra. Médico oftalmologista e escritor nas horas vagas. Sebastian morto aparece em um dos recortes de página e transição de capítulo, mas não é feita nenhuma associação a priori com a possível morte de um dos protagonistas.
Cap. 39: Esse mordomo, pasmado.	Apresentação das personagens extras que compõem o novo arco. Nesse momento não é apenas feita a apresentação das personagens, mas do cenário no qual estão inseridos que é a mansão Phantomhive. Assim como a aproximação do protagonista Ciel do convidado, Sir Arthur Conan Doyle.
Cap. 40: Esse mordomo, acomodações.	A primeira morte ocorreu após alguns convidados se retirarem para suas acomodações. A estrutura da mansão Phantomhive é apresentada novamente, assim como começam a discutir sobre o possível assassino do caso.
Cap. 41: Esse mordomo, morte.	Sebastian, durante sua investigação noturna, acaba sendo morto. A morte do mordomo. Ciel fica chocado, mas antes de morrer, o mordomo é apresentado dando ordens e fazendo pedidos peculiares aos outros empregados da casa.
Cap. 42: Esse mordomo, substituído.	Tanaka, o outro mordomo da família Phantomhive, assume o papel de mordomo principal da casa.
Volume 2	
Cap. 43: Esse mordomo, vigoroso.	Mais dois hóspedes são encontrados mortos na mansão e isso deixa todos mais apreensivos. O grupo então decide escolher um líder para comandar as investigações.
Cap. 44: Esse mordomo, em prantos.	O líder do grupo propõe que eles revistem as bagagens e quartos um do outro para tentar encontrar alguma pista do culpado. Enquanto isso, os empregados fazem de tudo para encontrar a chave do quarto do Ciel.

Cap. 45: Esse mordomo, movido.	Um homem aparece na mansão e é capturado pelos empregados. Ele tenta provar que não é culpado e se mostra interessado em ajudar na investigação.
Cap. 46: Esse mordomo, desnecessário.	O Reverendo Jeremy decide liderar as investigações e começa a analisar os corpos. Phipps começa a desconfiar de Sebastian. O grupo se prepara para capturar o assassino de Phelps.
Cap. 47: Esse mordomo, em contemplação.	O assassino é preso e o mistério finalmente chega ao fim. A identidade de Jeremy é revelada, o que deixa Arthur desconfiado.
Volume 3	
Cap. 48: Esse mordomo e a revelação.	Arthur desconfia da morte de Sebastian e acaba desvendando toda a verdade sobre o mordomo ser um demônio. Sebastian e Ciel contribuem com os eventos sobrenaturais explicados e que auxiliam a resolução do caso da mansão Phantomhive.
Cap. 49: Esse mordomo, solução.	Assim como a história começa com uma carta destinada ao Sir Arthur, termina com a figura do homem, já mais velho, e com a imagem representada mais próxima da referência histórica do criador de Sherlock Holmes. Ele conclui o arco colocando suas próprias impressões sobre o caso da mansão Phantomhive.

QUADRO 01 – INFORMAÇÕES ORGANIZADAS DOS ACONTECIMENTOS PELOS CAPÍTULOS DO ARCO DISCUTIDO.

Como podemos observar o volume 1 é focado na apresentação das personagens interessantes ao arco e ao rompimento do esperado através de uma das mortes. É importante destacar que a morte em questão não é a de um dos personagens extras do enredo, mas do próprio protagonista Sebastian Michaelis, o mordomo demônio que serve o jovem Ciel. A ruptura do primeiro volume cria o efeito de *cliffhanger* para o próximo volume que foi lançado apenas dois meses após o primeiro. O inesperado não se encontra na morte de um personagem que mal foi apresentado ao enredo, mas na morte do próprio protagonista. Para aqueles que consomem o *mangá* e estava acostumado ao funcionamento da trama por meio dos dois protagonistas, o choque foi maior. Para outros consumidores que tiveram acesso apenas a esse arco, a transição ainda implica em uma surpresa, mas a perspectiva principal de protagonismo não se encaixa no mordomo, mas no próprio escritor Sir Arthur Conan Doyle.

No volume 2, observamos o desenvolvimento do enredo e o fechamento da trama com a resolução do crime. O culpado é apontado e descoberto por meio do auxílio da perspectiva investigativa do escritor Arthur Conan Doyle. O atrativo no volume 2 encontra-se na apresentação lógica dos detalhes da trama e em como os pequenos detalhes, referentes ao método peculiar de arrombamento dos quartos, por exemplo, é desvendado para que o assassino seja descoberto. Além do fechamento do enredo, a trama contribui para a construção social do personagem de Arthur Doyle que, a priori, não parece muito seguro da própria habilidade como escritor de romances investigativos.

Durante os dois últimos capítulos do arco, presentes no volume 3, podemos dizer que a leitura destes é opcional a julgar que o caso já se encontra resolvido no volume anterior. Contudo, os elementos sobrenaturais são apontados nos dois últimos capítulos e a capacidade de dedução de Arthur se torna evidente ao apontar que a morte do mordomo Sebastian não poderia ter sido forjada a julgar que nenhum ser humano sobreviveria ao ataque que ele recebeu. Dessa forma, Ciel e Sebastian revelam ao escritor que tudo foi uma grande armadilha e que ele foi convidado, inclusive, para participar do jantar na mansão Phantomhive como parte do plano de investigação dos dois para impedir que o verdadeiro assassino conseguisse sair impune. Sebastian revela, por fim, sua verdadeira forma.

No último capítulo, somos apresentados à representação gráfica pictórica que mais se aproxima da imagem do escritor Arthur Conan Doyle (Figura 03).



FIGURA 03 – À ESQUERDA, A IMAGEM DO MANGÁ KUROSHITSUJI E A REPRESENTAÇÃO DE SIR ARTHUR CONAN DOYLE; À DIREITA, O RETRATO HISTÓRICO DO MESMO. FONTE: À ESQUERDA, MANGÁ KUROSHITSUJI, CAPÍTULO 49; À DIREITA, SITE OFICIAL DO AUTOR [HTTPS://WWW.ARTHURCONANDOYLE.COM](https://www.arthurconandoyle.com).

EXPONDO ALGUNS ELEMENTOS: O DIABO ESTÁ NOS DETALHES

A partir daqui, faremos uma análise detalhada dos elementos presentes na trama e que já foram pontuados anteriormente, assim como a escolha estética da autora para aplicar a mecânica da narrativa investigativa ao arco em questão do *mangá Kuroshitsuji*.

A apresentação das novas personagens é realizada durante o segundo capítulo do arco que se desenvolve através de um jantar com convidados escolhidos pela Rainha e que serão recebidos na mansão Phantomhive para o evento social. Os convidados são: Georg Von Siemens (Diretor Honorário do Banco Bamberger); Carl Woodley (Presidente da Companhia Woodley de lapidação de diamantes); Patrick Phelps (Diretor da Divisão de Comércio Exterior da Companhia Blue Star Line de Construção Naval e Transporte Marítimo); Irene Diaz (Cantora de Ópera); e Grimsby Keane (Produtor Teatral). Para apresentar as novas personagens e suas respectivas funções sociais, a autora faz uso de recursos esquemáticos para enfatizar a personagem e seu respectivo título (Figura 04).

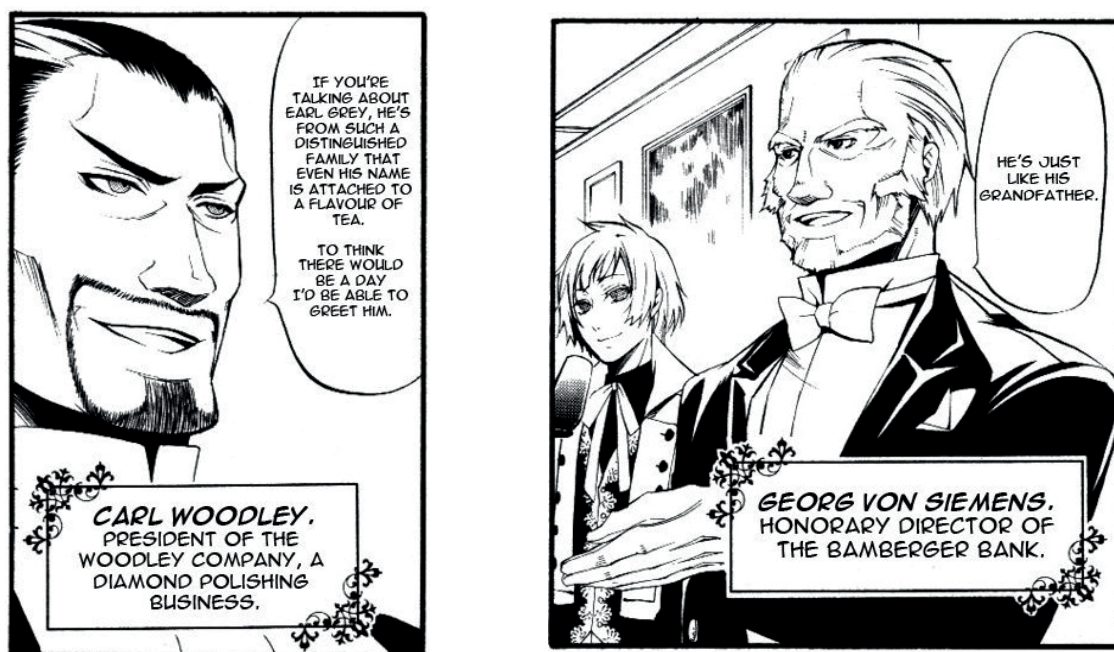


FIGURA 04 – RECORTE DA APRESENTAÇÃO DE DUAS NOVAS PERSONAGENS NA TRAMA. FONTE: MANGÁ KUROSHITSUJI, CAPÍTULO 39.

Pode-se observar como o requadro com adornos florais e circulares não apenas enfatiza o nome da nova personagem inserida na narrativa, mas também sua função social. O mesmo não ocorre com personagens que já surgiram na trama, mas que estão incluídos no arco, personagens como o comerciante Lau e o agente da Rainha, o senhor Charles Grey, que são apresentados, mas sua apresentação não acompanha o requadro de ênfase que as duas novas personagens apresentam.

A personagem do jovem Arthur Conan Doyle é apresentada como um rapaz,

um médico oftalmologista que possui o hábito de escrever como hobbie. Até certo ponto, a narrativa se aproxima de uma biografia por se apropriar de informações histórias referentes à história da vida do escritor. O mesmo é convidado à mansão Phantomhive não a convite da Rainha, mas a convite do próprio Conde Ciel que ao ter lido o romance *A Study in Scarlet* de Arthur na revista *Beeton's Christmas Annual*, publicada na Inglaterra anualmente entre 1860 e 1898. A edição de 1887 trazia a história *A Study in Scarlet*, primeira obra a incluir os personagens Sherlock Holmes e Dr. Watson. A referência pictórica da revista acompanhada por Ciel no *mangá* inclusive é idêntica à imagem da revista original (Figura 05).

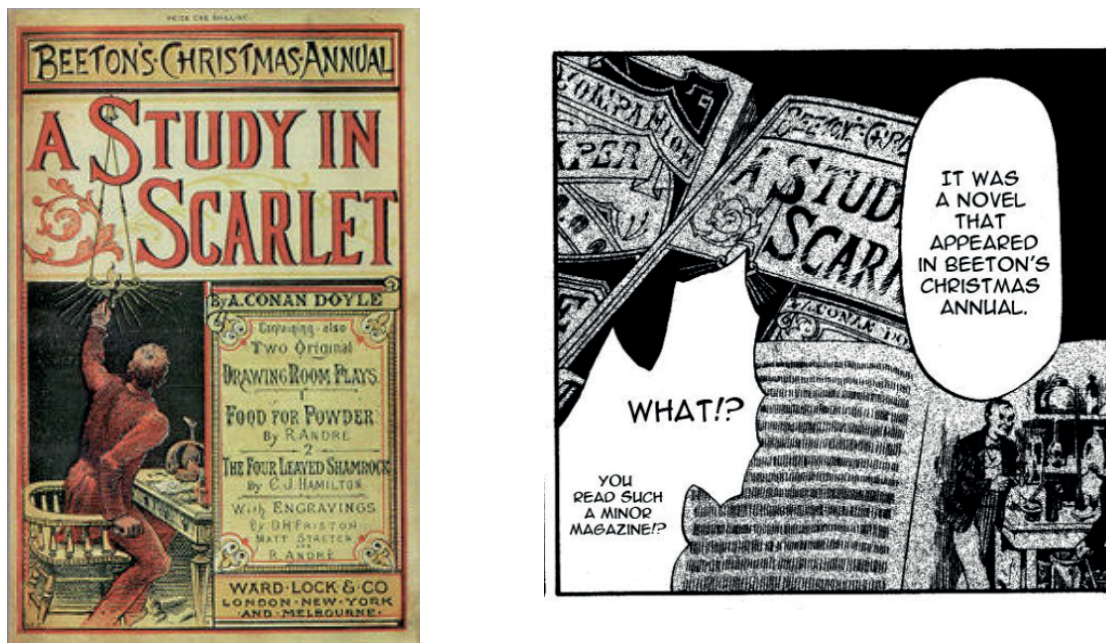


FIGURA 05 – À ESQUERDA, IMAGEM DA REPRESENTAÇÃO DA REVISTA BEETON'S EM KUROSHITSUJI; À DIREITA, IMAGEM ORIGINAL DA REVISTA. FONTE: À ESQUERDA, MANGÁ KUROSHITSUJI, CAPÍTULO 39; À DIREITA, WWW.LOYALBOOKS.COM/IMAGE/DETAIL/A-STUDY-IN-SCARLET

Esse arco em particular também aborda a narrativa investida através de esquemas mais didáticos que auxiliam ao leitor a compreender a linha de raciocínio das personagens. Como no momento em que estão tentando descobrir quais personagens possuem álibi para as mortes e surge uma lista de álibis na página. Outro exemplo é quando estão tentando compreender como estavam dispostos os grupos de pessoas e quem estava sozinho no momento em que as mortes ocorreram. A autora apresenta uma representação isométrica de alguns dos cômodos da residência dos Phantomhive para que o leitor compreenda a distância entre os cômodos e o local do assassinato. Até mesmo quando estão discutindo sobre o horário da morte das personagens assassinadas e surgem relógios marcando o tempo (Figura 06).

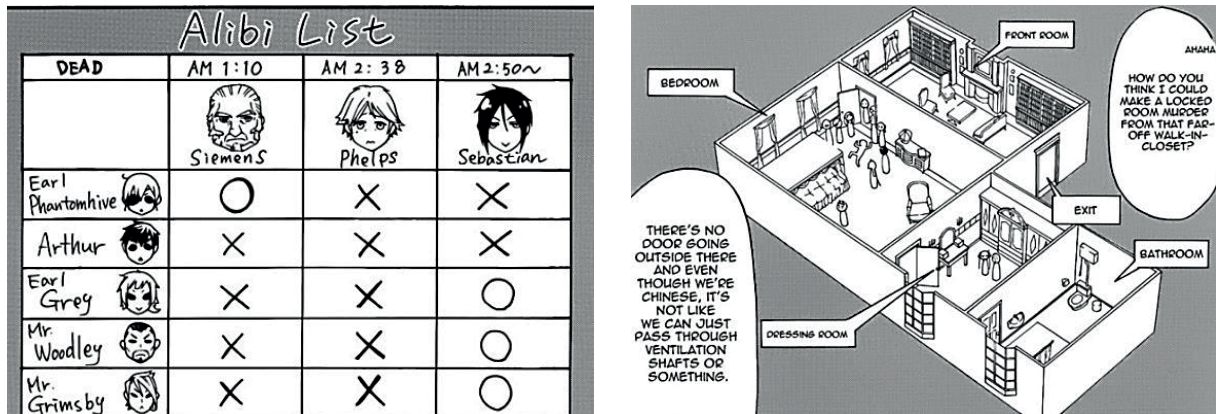


FIGURA 06 – LISTA DE ÁLIBI, À ESQUERDA, E REPRESENTAÇÃO ISOMÉTRICA DA MANSÃO PHANTOMHIVE, À DIREITA. FONTE: MANGÁ KUROSHITSUJI, CAPÍTULO 41.

Além dos esquemas aplicados pela autora, a mesma faz interferências no roteiro que são referenciadas como informações da própria cultura inglesa da época. As interferências vão desde referências a expressões idiomáticas da época, até produções literárias, figuras históricas e gastronomia. Por exemplo, como Ciel ainda é um jovem rapaz, o mesmo faz referência durante uma conversa com Arthur, a revista semanal britânica de humor *Punch*, publicada entre 1841 e 1992, fundada por Henry Mayhew (1812-1887) e Ebenezer Landells (1808-1860); nas décadas de 1840 e 1850, foi responsável por estabelecer o significado atual da palavra *cartoon*. Um dos principais contribuidores e criador do símbolo da revista foi Richard Doyle (1824-1883), tio de Arthur.

Expressões como *Noblesse Oblige* (Figura 07), uma expressão francesa, usada também em inglês, que pode ser traduzida como “a nobreza é obrigada”. Exprime a ideia de que pessoas de grande fortuna ou alta posição social têm certas obrigações, como agir de forma honrosa, generosa e responsável, e auxiliar pessoas menos favorecidas; é aplicada na narrativa investigativa quando os oficiais da Rainha vão até a mansão Phantomhive coagir o Conde Ciel a oferecer um jantar para alguns convidados da Rainha.

Outro exemplo durante a narrativa investigativa é a apresentação do vinho Purcari (Figura 07) produzido na região de Purcari, na Moldávia. A indústria vinícola da região foi estabelecida no começo do século XIX; as terras, às margens do rio Dniestre, são propícias ao cultivo de uvas para vinho tinto. No final do mesmo século, a região era uma das principais fornecedoras de vinhos para a corte inglesa. As referências histórias aos elementos adicionados podem ser observadas nas notas do glossário ao final de cada volume. O que é importante perceber é as referências atribuídas à época na era vitoriana inglesas que auxiliam na criação do ambiente investigativo do crime.



FIGURA 07 – EXPRESSÃO NOBLESSE OBLIGE, À ESQUERDA, E A APRESENTAÇÃO DO VINHO DE PURCARI, À DIREITA. FONTE: MANGÁ KUROSHITSUJI, CAPÍTULOS 38 E 41.

Além das referências já citadas, os volumes citam o escritor e poeta irlandês, autor de *O Retrato de Dorian Grey* (1890), o senhor Oscar Wilde; fazem referência ao termo *prima donna* para se referirem ao papel de Irene Diaz como cantora de ópera; mencionam a Scotland Yard, polícia metropolitana de Londres; assim como alguns pratos típicos da Inglaterra e da cultura de outras personagens da narrativa, como o curry, uma especiaria indiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A BIOGRAFIA COMO RECURSO NARRATIVO

Seria possível sugerir que a biografia de Sir Arthur Conan Doyle pode ser aplicada como recurso narrativo desse arco em *Kuroshitsuji* em particular, pela apresentação da figura histórica como parte integrante das personagens que desenvolvem a narrativa. O mesmo processo não é estranho ao *mangá*, pois o mesmo já foi realizado anteriormente, como, por exemplo, ao fazer referência à biografia de Shakespeare em outro dos arcos. O que é de fato interessante a perceber na abordagem imersiva do arco é a aplicação das camadas de linguagem (BORGES, 2016). As camadas da linguagem estão presentes na narrativa de forma que a autora precisa constantemente referenciar os pequenos detalhes aplicados ao arco que são da cultura europeia para que o leitor perceba como a sociedade da época representada está organizada e como os mesmos elementos influenciam no desenvolvimento da trama. Pois, se o conde Ciel não possuísse a *Noblesse Oblige*, ele não seria obrigado a realizar um jantar em nome da Rainha, e o arco narrativo não teria

motivação para ocorrer.

Outro aspecto curioso desse arco em particular é que, ao analisarmos o conteúdo do mesmo, percebemos como a obra faz referência e transpõe informações de mídias diferentes, algumas gráficas e outros de eventos históricos que não necessariamente foram publicados em revistas, como a Beeton's. O processo é semelhante ao de convergência entre mídias apresentado por Jenkins (2009):

A convergência, sendo assim, apenas um processo de transformações tecnológicas. No entanto, o autor explica que as transformações tecnológicas e mercadológicas podem representar aspectos presentes na convergência, entretanto, esta não deve ser compreendida apenas como um processo que une diferentes funções dentro de um mesmo aparelho como propõem alguns estudiosos, mas sim como um fluxo de conteúdos que acontece através de múltiplas ferramentas midiáticas nas quais o público busca e cria experiências de entretenimento. (JENKINS, 2009).

Podemos concluir, portanto, que a mecânica narrativa é uma estrutura esquemática que pode ser manipulada a depender do gênero da história e, tal como suas versões da literatura “formal”, pode ser adaptada para histórias em quadrinhos, como é o caso do arco investigativo em Kuroshitsuji, com a participação sob a ótica e perspectiva do personagem Arthur Conan Doyle durante os capítulos do arco.

REFERÊNCIAS

ANJOS, F. S. **A suplementação do criador e a notoriedade da criatura (a personagem em Arthur Conan Doyle).**

Artigo da Universidade Federal de São Carlos. 2016.

BORGES, P. M. **Mangá, estética bidimensional e deslocamentos culturais.** 1º ed. Editora Intermeios. São Paulo 2016.

CÂNDIDO, A. **A literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** São Paulo: T. A.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico e da divisão ao trabalho social** in GIANNOTTI, J. A. (org.) **Os pensadores** - Durkheim, São Paulo, ed. Abril, 1978.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

DOYLE, Artur Conan. **Um estudo em vermelho,** Rio de Janeiro, ed. Fran- cisco Alves, 1989.

Mangá

Kurohitsuji vol. 11. Yana Toboso. Square Enix Co. Panini editora. 2014.

_____. vol. 10. Yana Toboso. Square Enix Co. Panini editora. 2014.

_____. vol. 9. Yana Toboso. Square Enix Co. Panini editora. 2013.

